



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

ESTUDO DE CASO DA PESSOA SURDA NO ENSINO SUPERIOR E O USO DOS PROGRAMAS HAND TALK E VLIBRAS

CASE STUDY OF DEAF PEOPLE IN HIGHER EDUCATION AND THE USE OF HAND TALK AND VLIBRAS PROGRAMS

Maria Salete da Fonseca¹
Helen Paola Vieira Bueno²

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar o cotidiano da realidade universitária de dois jovens estudantes surdos ingressos de escolas públicas. Esses alunos tiveram, no ensino médio, uma realidade pedagógica diferente da que enfrentam na faculdade atualmente. São alunos oriundos de instituições facilitadoras de conhecimentos, com material didático adaptável e atendendo as necessidades culturais da pessoa surda. Nesta pesquisa foram analisados como os usos dos programas Hand Talk conhecido como Hugo, que foi eleito e indicado pela ONU e do VLibras que é uma plataforma de código aberto, livre e gratuita, que traduz automaticamente conteúdos digitais em diversos suportes como textos, áudios e vídeos para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de tradução automática e uso de um Avatar 3D. O objetivo é analisar de que maneira esses programas são realmente efetivos e eficazes no dia a dia de dois estudantes universitários. Para a realização do presente trabalho foram realizados apontamentos por meios de levantamentos bibliográficos e documentais. Também foi realizada uma pesquisa de campo e entrevista aberta com dois jovens universitários. Os entrevistados se declararam do sexo feminino e masculino, possuem idades entre 20 e 29 anos, onde a jovem deu continuidade aos estudos e o rapaz trancou sua matrícula. A investigação ocorreu por meio de entrevista aberta e individual e foi aplicada por meio da linguagem de sinais, e transcrita na língua portuguesa. Os resultados apontam que os programas ainda não são muito falhos no dia-a-dia do processo de ensino-aprendizagem dos universitários. **Palavras-chave:** 1. Educação Inclusiva; 2. Dificuldades de Aprendizagem; 3. Ensino Adaptado.

ABSTRACT

The objective of this study is to present the daily university reality of two young deaf students enrolled in public schools. These students had, in high school, a different pedagogical reality than what they face in college today. They are students from institutions that facilitate knowledge, with adaptable teaching material and meeting the cultural needs of deaf people. In this research, the uses of the Hand Talk programs known as Hugo, which was elected and nominated by the UN, and VLibras, which is an open source, free and free platform, which automatically translates digital content into various media such as texts, were analyzed. audios and

¹ Psicóloga, bibliotecária, especialização em psicologia jurídica, MBA em docência do ensino superior. E-mail: salete_bibliotecaria@hotmail.com

² Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora na graduação, especialização mestrado e pós-doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana. E-mail: helen.bueno@ufms.br



videos into Brazilian Sign Language (Libras) through automatic translation and use of a 3D Avatar. The objective is to analyze whether these programs are effective and practical in the daily lives of two university students. To carry out this work, notes were made through bibliographic and documentary surveys. Field research and open interviews were also carried out with two young university students. The interviewees declared themselves to be female and male, aged between 20 and 29 years old, where the young man continued his studies, and the boy stopped his enrollment. The investigation took place through open and individual interviews and was applied using sign language and transcribed into Portuguese. The results indicate that the programs are still not very flawed in the day-to-day teaching-learning process of university students.

Keywords: 1. Inclusive Education; 2. Learning Difficulties; 3. Adapted Teaching.

1. INTRODUÇÃO

Entender os indivíduos requer compreender que cada ser é diferente do outro. As pessoas constroem-se, em suas relações sociais a partir do meio em que convive, onde se formam as identidades multifacetadas, sendo alicerçados como sujeitos sociais e o ser humano evolui com base nas participações das inúmeras identidades de cada tempo. Vivemos em constates mudanças sendo passíveis de contínuas transformações e cada década traz consigo uma história diferenciada.

O sujeito surdo vem ganhando espaço entre a sociedade, lutando por seus direitos de igualdade. Por muitos séculos, as pessoas surdas eram privadas do acesso à educação, tidas como anormais, no entanto no século XVIII, com a inserção do uso das línguas de sinais como língua de formação para os surdos, houve uma evolução na educação e no cotidiano dessas pessoas.

Oferecendo um ensino de qualidade e eficiência, no entanto ainda há um caminho longo a percorrer para que realmente aconteça a inclusão de fato, e que estes discentes realmente receba um ensino de qualidade, adequado a sua realidade de não ouvinte, as universidades em sua grande maioria oferecem cursos de Língua de sinais (LIBRAS) para os docentes com duração inferior ao necessário para que se aprenda e possa dialogar de fato com esse aluno surdo.

As instituições juntamente com os docentes estão dispostas a ajustar o modo de lecionar, para que o aluno se sinta incluso de fato nas aulas, onde ele consiga ter a mesma compreensão dos alunos ouvintes.

O intuito deste trabalho é apresentar as dificuldades enfrentadas por uma pequena parcela da população surda que decide enfrentar o sistema de educação no ensino superior, sofrendo muito para conseguir o tão sonhado diploma, ou, quando desistem de realizar o seu sonho por falta de adequação das instituições de ensino superior.

Para a realização da presente pesquisa, será percorrido o caminho metodológico do estudo de caso, também será realizado um levantamento bibliográfico, documental e pôr fim a entrevista com dois jovens universitários surdos. Uma entrevistada é acadêmica do curso de Letras/Libras/Língua Portuguesa, que cursa a modalidade EAD, e o outro entrevistado é um ex-aluno do curso de Direito,



que trancou a matrícula no momento e que estudou na modalidade presencial, com idades entre 20 e 29 anos. A investigação se dará por meio de entrevistas individuais não estruturada e será aplicada por meio da língua de sinais, e transcrita na língua portuguesa, feita pela própria autora.

2. LINGUÍSTICA E LÍNGUA

A linguagem é um importante instrumento de comunicação, uma maneira de influenciar o outro, ela age como um sistema genérico e aberto, apto a construir história e de atender ao seu conjunto de necessidades, é o estudo científico das línguas naturais e humanas. As línguas naturais podem ser conceituadas como autocrática ou como algo que germina com o homem.

Platão e Aristóteles [...] consideravam que as coisas eram infinitas e as palavras eram finitamente determinadas pelos seres humanos, nesse sentido, a linguística estruturalista se desenvolveu.

No entanto, Platão era naturalista quanto às palavras, acreditava que a linguagem nasce com o homem. Como uma criança com tão pouca informação em tão pouco tempo é capaz de produzir a complexidade das línguas? Buscar saber sobre os princípios que constituem a faculdade da linguagem humana, possibilita o avanço em direção à solução do “Problema de Platão”. Faculdade da linguagem deve ser entendida aqui como um componente da mente humana (Quadros, 2004, p. 15).

A linguagem é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. A falta dela causa grandes desafios no desenvolvimento social, emocional e intelectual. A partir da comunicação, verbal ou não-verbal, é possível partilhar mensagens, ideias e sentimentos, no entanto é necessário que ela seja clara e inclusiva.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a segunda língua oficial do Brasil desde 2002, quando foi oficializada pelo Ministério de Educação (MEC) através da Lei nº 10.436. Trata-se de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, utilizado pela comunidade surda do país. Ao contrário do que muitos pensam, a Libras não é universal, pois cada país possui a sua própria língua de sinais. No caso do Brasil, essa língua teve influência da língua francesa de sinais, tendo sido introduzida por Ernest Houet, fundador do Instituto Nacional de Educação de Surdos do Brasil (INES), na época de Dom Pedro I (Lei nº 10.436/2002).

No entanto a comunidade surda não aceita essa ideia de que a Libras é a segunda língua oficial do Brasil, pois no nosso país o número de habitantes que se comunicam por meio das libras é inferior a algumas línguas estrangeiras. Um estudo mostrou que a segunda língua mais falada no país é o Alemão, a Libras é uma das poucas línguas usadas no Brasil.

Diferente da linguagem falada, que é oral-auditiva, a comunidade surda utiliza a linguagem visuoespacial, ou seja, utiliza a visão e o espaço através do uso de movimentos e expressões corporais



e faciais para se comunicar.

Assim como o Português e quaisquer outras línguas, a Libras também possui variações linguísticas, como termos regionais e gírias (Kishi; Simas, 2019). A linguagem é uma maneira de representar o mundo e se manifesta não apenas por intermédio de palavras, mas por sistemas de signos. Logo, a linguagem é um sistema que capacita o ser humano a abstrair, a conceituar e a comunicar por intermédio de signos, sejam orais, gestuais ou escritos.

2.1 Ensino superior e inclusão

Na década de 1990 houve um aumento significativo no número de pessoas surdas no contexto da educação no ensino superior, um dos fatores primordiais para essa evolução foi o reconhecimento da língua de sinais, as propostas implementadas na educação bilíngue com o intuito de inserir realmente esse aluno surdo como parte integrante do ensino superior.

O público surdo nas instituições de ensino superior vem aumentando, um levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023) aponta que no ano de 2023, se inscreveram para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 38.101 pessoas surdas, esses tiveram atendimentos especializados tais como i) Tempo adicional; ii) Tradutor-intérprete em Língua Brasileira de Sinais (Libras); iii) Leitura labial; iv) Guia-intérprete; v) Auxílio para transcrição e vi) Sala de fácil acesso.

Esses dados mostram, que o número de pessoas com deficiência auditiva almeja dar continuidade em seus estudos. O INEP, adequou as provas e preparou o ambiente para que esse público pudesse concorrer de igual com os demais e esse pode ser um dos motivos que levou a comunidade surda a realizar o exame. Um evento como esse deixa claro a importância de um local apropriado para receber este público.

Vieira-Machado e Lopes (2016) contam que a partir da institucionalização da educação bilíngue, com a emergência da legislação específica sobre a Libras (Lei no 10.436/2002 e Decreto no 5.626/2005), a equipe técnica de educadores foi modificada.

A Constituição Federal (BRASIL, 1988, artigos 206 a 214) refere-se à educação superior determinando o dever do Estado para garantir o ingresso aos níveis mais elevados de ensino e pesquisa e estabelece que o ensino deve basear-se nos princípios de igualdade de condições para o acesso e a permanência na instituição (Vianna; Gomes, 2020, p. 199)

A Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) discorrem que o ensino será ministrado com base na seguinte conjectura: I – igualdade de condições para o acesso e permanência



na escola. Uma conferência mundial que aconteceu em Paris no ano de 1998, sobre Educação Superior que foi realizada pela UNESCO, estabelece todas as atribuições universitárias no que se refere ao ensino, pesquisa e extensão. Corroborando com o artigo 3º da constituição Federal firmando um item que colaboram com as condutas inclusivas.

Deve-se facilitar ativamente o acesso à educação superior dos membros de alguns grupos específicos, como os povos indígenas, os membros de minorias culturais e linguísticas, de grupos menos favorecidos, de povos que vivem em situação de dominação estrangeira e pessoas portadoras de deficiência, pois esses grupos podem possuir experiências e talentos, tanto individualmente como coletivamente, que são de grande valor para o desenvolvimento das sociedades e nações. Uma assistência material especial e soluções educacionais podem contribuir para superar os obstáculos com os quais estes grupos se defrontam, tanto para o acesso como para a continuidade dos estudos na educação superior (UNESCO, 1998, artigo 3).

É necessário que haja uma reestruturação no ambiente educacional, onde o aluno surdo se sinta parte do processo, oportunizando igualdade de condições aos demais alunos. Sabe-se que muitas vezes, essa narração fica apenas no papel, pois a realidade é contrária ao script.

2.2 Dificuldades de permanência na universidade

Vários avanços aconteceram nas políticas públicas para o acesso e permanência em todos os níveis da Educação brasileira, dando oportunidade de ingressar nos níveis fundamental, médio e superior, onde o foco principal era oportunizar ensino aos menos afortunados, sem perder a qualidade e fazendo com que todos fossem favorecidos.

Ainda que as ações sejam para facilitar a entrada do surdo no ensino superior, as medidas implantadas são ainda ineficazes em algumas partes. A Lei 1690/15, traz a obrigatoriedade do intérprete de Libras, em sala de aula, mas os alunos do curso Ensino a Distância (EaD) tem grande dificuldade em aprender o conteúdo proposto, pois a Lei não alcança esse público.

Ainda que exista um aplicativo que traduza os conteúdos ministrados, esse programa é ineficiente pois, eles são robotizados, não transmite uma reação facial ou corporal, e a linguagem muitas vezes não condiz com a linguagem da localidade, com isso o surdo não consegue compreender com eficácia a tradução.

Os surdos que hoje estão no Ensino Superior, no geral, carregam fortemente as marcas do Oralismo e das práticas bimodais da Comunicação Total, que perpassaram sua formação na educação básica, pois na época em que estavam no Ensino Fundamental (na década de 80-90), tiveram uma educação com instrução visando à alfabetização de ouvintes, agravando-se mais a situação de jovens e adultos surdos, considerando que em sua infância não se discutia a importância da Libras e tampouco



se atribuía importância à língua de sinais como uma língua (Daroque, 2011, p. 21)
Mas para que de fato esse aluno seja incluído, não basta apenas inserir esse sujeito na universidade, mas é preciso ter um profissional capacitado dando voz e audição para ele. Um exemplo clássico da falta de empatia para com o aluno surdo é sobre o curso de Letras/Libras/Língua Portuguesa, o curso deveria ser todo ou no mínimo 90% ministrado através da Libras, afinal o profissional está se preparando para ministrar aulas de Libras.

É necessário ter domínio mínimo da língua, ir se adaptando com a realidade da profissão, mas ocorre ao contrário, ou seja, 10% ou menos dos vídeos tem um tradutor, explicando o conteúdo, facilitando a vida do ouvinte, mas o aluno surdo fica prejudicado, ainda que as instituições disponibilizem, os aplicativos esses são ineficazes, frustrando o aprendizado do acadêmico surdo. Na Figura 1 é possível observar o modelo do robô utilizado para interpretar as aulas.

Figura 1: Robô do programa Hand Talk



Fonte: <https://www.handtalk.me/br/sobre/>

Ainda que o programa Hand Talk, conhecido como Hugo, foi eleito pela ONU, em 2013, como o melhor aplicativo social, sua tradução é ineficiente, pois assim como a língua portuguesa, a Libras também tem suas variações, na hora da tradução essas variações dificultam muito a aprendizagem e o entendimento do surdo. Sem contar que o surdo é visual e precisa sentir exatamente o que se passa.

Além de traduzir palavras e frases, o interprete de libras também é responsável por transmitir expressões faciais, gestos e nuances linguísticas presentes na língua de



sinais. Essa tarefa exige habilidades linguísticas e culturais, bem como uma compreensão profunda da comunidade e suas necessidades de comunicação (Brasil, 2024)

É muito importante certas habilidades, para que de fato ocorra uma comunicação clara e objetiva e a expressão corporal é uma delas, fazendo toda a diferença no momento da tradução, apresentando sentimentos e emoções, sendo que isso o mecanismo robotizado não pode oferecer, abaixo segue, na Figura 2, a imagem do robô do Programa VLibras.

Figura 2: Robô do programa VLibras



Fonte: <https://korntraducoes.com.br/vlibras>

Ambas as fotografias são ilustrações dos robôs que fazem a tradução da língua de sinais, O VLibras é uma plataforma de código aberto, livre e gratuita, que traduz automaticamente conteúdos digitais em diversos suportes (textos, áudios e vídeos) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de tradução automática e uso de um Avatar 3D, tornando computadores, dispositivos móveis e websites acessíveis para pessoas surdas (Brasil, 2018). Assim como o Hugo, o VLibras não é diferente, é um mecanismo exíguo onde o surdo encontra grandes dificuldades no entendimento da mensagem proposta.

Ficando nítido a relevância de um profissional tradutor presente em sala de aula seja, física ou virtual, por mais que a tecnologia avance, ainda não substitui o homem em todas as funções. Para que ocorra uma comunicação para a pessoa surda ocorra de maneira eficaz é necessário transmitir sentimentos e emoções, e isso para a tecnologia ainda não é possível. O intérprete explora as nuances do relacionamento entre o aprendiz e o aprendizado, a importância da empatia, da comunicação clara



e da capacidade de adaptação que são elementos necessários no momento da tradução.

Compreender a linguagem como exercício social transparece dizer que ela é um meio de comunicação que facilita o sujeito estar preparado para o convívio na vida social, já que a multiplicidade das práticas discursivas induz mudanças na sociedade ao utilizar recursos da linguagem na interação dialógica, determinando temáticas e/ou ações. Ficando nítido a importância das expressões no aprendizado do surdo.

2.3 O Profissional Tradutor-Intérprete de Libras no Ensino Superior

Quando o assunto é educação, precisamos usar todas as ferramentas necessárias para que de fato ocorra um aprendizado eficaz. Em sala de aula o professor é o elo entre o conhecimento e o aprendiz e ao professor cabe a responsabilidade de transmitir o aprendizado com clareza e eficiência para que o aluno possa avançar em seus estudos. O intérprete como profissional tem a função de possibilitar e facilitar a aquisição dos conteúdos curriculares.

A incumbência do profissional intérprete de Libras é primordial nas escolas privadas e regulares, isto é, onde tiver um aluno surdo, é obrigatória a presença do tradutor/intérprete de libras como está previsto no Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005). Mas não basta apenas ter o profissional em sala de aula, ele precisa ser qualificado para transmitir os assuntos concernentes. Por exemplo, um intérprete que atua em sala de aula no ensino superior, e que vai interpretar aulas do curso de Direito, deve ter um rico conhecimento dos sinais referente ao Direito, senão o aluno surdo não consegue captar as informações de maneira correta.

A instituição não deve apenas se preocupar em ter o profissional intérprete, mas precisa se atentar para a qualificação que essa pessoa tem a oferecer, e procurar ter um feedback do aluno surdo, afinal, ninguém mais adequando que o aluno para relatar se o objetivo está sendo atingido.

Na educação básica, diferente do ensino superior, a presença deste profissional é garantida. Dos 47,3 milhões de alunos da educação básica, 61.594 possuem alguma deficiência relacionada à surdez. O Dia Nacional dos Surdos, celebrado no dia 26 de setembro, lança luz sobre a diversidade e o acesso à educação no Brasil (INEP, 2022).

Nesse contexto, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) reuniu alguns dos principais dados sobre esse público.



Figura 3: Número de matrículas na Educação Especial em classes comuns

Número de matrículas da Educação Especial em **Classes Comuns: 1.372.985**

 Estudantes com surdez: 17.141

 Estudantes com deficiência auditiva: 37.625

 Estudantes com surdocegueira: 548

Fonte: Censo Escolar 2022/Inep

Número de matrículas da Educação Especial em **Classes Exclusivas: 154.809**

 Surdez: 3.558

 Deficiência auditiva: 2.642

 Surdocegueira: 80

Fonte: Censo Escolar 2022/Inep

Fonte: Censo Escolar/Inep (Brasil, 2022)

As estatísticas foram coletadas no Censo Escolar 2022, última edição da pesquisa com resultados publicados, e o Censo 2023 está em andamento. Esses dados são importantes porque podem fornecer informações para planejamento estratégico da educação nos anos subsequentes.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Para a realização deste trabalho, foi feito uma pesquisa de natureza qualitativa, na forma de um estudo de caso. Atualmente, a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 2).

Para a execução do trabalho optou-se por deixar os entrevistados mais livres para discorrer acerca do seus pontos de vista a respeito de cada questionamento, sendo possível fazer a coleta de informações. O propósito de deixar os envolvidos mais livres para obter suas respostas, permite uma coleta de informações de acordo com o tema. Além disso, traz elementos que tornam os resultados



mais fidedignos a pesquisa.

O estudo de caso, como abordagem, busca conhecer o porquê de um fenômeno no seu contexto real. De acordo com Yin (2010), o estudo de caso se adapta às investigações de cunho social, político e antropológico das diversas modalidades. Para Vianna (2012), o seu propósito não é representar o universo, mas representar o caso, e sua finalidade é torná-lo compreensível através da particularização. Apesar de sua singularidade, é uma entidade de natureza complexa. Além disso, um discurso de estudo de caso deve facilitar ao leitor uma experiência fascinante, mas nem sempre é possível transmitir para o leitor o sentido de muitas situações.

Na pesquisa, utilizou-se o estudo de caso, respeitando elementos particulares de dois casos, sem se interessar em reproduzir o universo, mas sim a experiência de cada participante.

3.2 Lócus da pesquisa

Uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

3.3 Instrumentos

Foi realizada uma entrevista não estruturada com um ex-aluno do curso de Direito e uma aluna do curso de Letras/Libras, modalidade EaD. Foi realizada a entrevistas estruturada com os alunos surdos, por meio da língua de sinais.

Segundo Brito Jr. e Feres Jr. (2011), a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico. Gil (1999, p. 45) conceitua entrevista como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

3.4 Procedimentos para a coleta dos dados

As entrevistas ocorreram no período compreendido entre 02 e 10 de agosto de 2024, previamente agendada com os participantes, no período vespertino, realizada e interpretado pela pesquisadora. Para a entrevista foi usado, papel, caneta e a câmera filmadora do celular. A entrevista aconteceu no espaço da biblioteca de uma instituição de ensino superior privada. O tempo de entrevista foi livre, permitindo que os participantes se expressassem de maneira clara, sem pressa e



se sentiram se a vontade para apontar todas as dificuldades encontradas durante o curso.

3.5 Público-alvo

A pesquisa foi realizada com um ex-aluno do curso de Direito presencial, e com uma aluna do terceiro semestre do curso de graduação em Letras/Libras, modalidade EaD, eles tem idades entre 20 e 29 anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a entrevista o ex-aluno do curso de Direito afirmou que

as principais dificuldades encontradas durante o ingresso foi e está sendo lidar com o meio educacional, tratar com pessoas ouvintes e sem nem um conhecimento em libras, tendo que usar de estratégias como conversas pelo celular, mas que nem sempre entendem e não conseguem ser entendidos, professores sem nem um conhecimento na língua de sinais, no início do curso o intérprete não tinha muito conhecimento nos sinais voltados para o Direito.

Já a aluna entrevistada afirmou que

desistiu de seu sonho pois não teve o apoio necessário, “as aulas on-line, sem um intérprete humano dificultou muito meu aprendizado, além das pessoas e até professores diziam que o curso era muito difícil que eu deveria escolher outro mais fácil, acabei me desmotivando e desistindo.

O acadêmico relatou que muitas vezes faz uso da ferramenta VLibras, que foi criado para facilitar o acesso aos materiais digitais e as aulas, e disse que

que o programa é muito falho e acabam por preferir estudar sem o apoio do mecanismo, ainda que os sinais não são regionalizados, o programa não demonstra nem uma reação corporal ou facial, fazendo com que o conteúdo ministrado fique ainda mais confuso.

Durante a entrevista um ponto que ambos trouxeram foi

a dificuldade enfrentada dentro da universidade a respeito de aprender a lidar com ambiente educacional predominante por ouvintes, sem conhecimento algum na língua de sinais, dificuldades nas interlocuções com línguas diferentes, a falta de sinais específicos para diferentes áreas do conhecimento, a luta pela manutenção e valorização de seus referenciais identitários nas interações com ouvintes, a dinâmica das aulas mediadas por tradução simultânea, levando-os a apontar a importância de a universidade repensar as estratégias de ensino considerando as especificidades dos alunos surdos e a atuação do intérprete.



Quando perguntados sobre o que almejam para facilitar o aprendizado, responderam que

os professores não têm nem um tipo de conhecimento sobre a Libras, limitando a comunicação com os estudantes surdos. Onde a presença do intérprete tem que se fazer constantemente, sendo mediador desta comunicação, muitas vezes faz se uso de outras estratégias, como a escrita e gestos, no entanto nos sentimos constrangidos com esse mecanismo de comunicação que se usa, com os professores e os colegas de sala, muitas vezes vamos embora com dúvidas pois sentimos vergonha de fazer perguntas. O ideal para que aconteça uma comunicação satisfatória é a presença da Libras, pois esta é a língua das pessoas surdas é tão importante ser utilizada nas instituições.

Ficou claro que o processo de aprendizagem dos estudantes surdos se dá por meio do intérprete ou de gestos. Os estudantes surdos procuram se adaptar ao meio para que de alguma forma possam se comunicar e se entrosarem com os professores e colegas, mas, a falta de conhecimento da língua de sinais, por parte dos professores e dos colegas, dificulta muita essa troca de compreensão.

No mundo, tem uma média de 300 variantes da língua de sinais. Sendo responsáveis por boa parte da comunicação de surdos, representando 466 milhões de pessoas. Mesmo com um número tão grande de sinais, é necessário um esforço amplo para que a sociedade tenha conhecimento e acesso a essa língua.

A OMS estima que, até 2050, 900 milhões de pessoas podem desenvolver surdez. No Brasil, existe a Libras (Língua Brasileira de Sinais), que é uma língua de modalidade gestual-visual, reproduzida através de gestos, expressões faciais e corporais, possuindo um alfabeto e estrutura linguística e gramatical própria. No país, cerca de 5% da população é surda e, parte dela usa a Libras como auxílio para comunicação. De acordo com dados do IBGE, esse número representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões não ouvem nada. Quando o assunto é educação, a população surda se enquadra em porcentagens muito baixas de formação. Segundo estudo feito pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda em 2019, cerca de 7% dos surdos brasileiros têm ensino superior completo, 15% frequentaram a escola até o ensino médio, 46% até o fundamental, enquanto 32% não têm um grau de instrução (Brasil, 2021).

Acadêmicos sejam surdos ou ouvintes, geralmente encontram dificuldades, nas interpretações dos conteúdos ministrados, principalmente ingressos do primeiro semestre na faculdade. No caso dos alunos surdos, as adversidades e os desafios ao se depararem com textos acadêmicos, que exige uma leitura pragmática, onde a escrita do texto é feita de maneira culta, traz ainda mais dificuldades na compreensão dos estudos, pois o intérprete vai apenas passar o conteúdo ministrado em sala de aula, deixando essa parte sem apoio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos nas

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



universidades. Durante a entrevista, os estudantes surdos participantes da pesquisa, deixaram bem claro terem conhecimento de seus direitos e deveres, e sentem que de fato não há inclusão, pois a comunicação e a interação com os ouvintes geralmente se dão por meio do intérprete.

A presença do aluno surdo em sala de aula é um desafio para o docente, pois é necessário que o professor se conscientize de que o aprendizado está sendo transmitido de fato. É necessário a elaboração de novas estratégias e métodos de ensino, que estejam adequados à realidade deste aluno. A pessoa surda faz parte da comunidade institucional, então cabe aos professores criarem condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar.

Outro fator que nos leva a analisar, é o arranjo familiar, pois na entrevista, um dos alunos surdo afirmou que a família é envolvida e presente quanto ao aprendizado educacional, oferecendo apoio e incentivos desde a infância, possibilitando o contato com a Libras, fazendo com que não desencadeie o déficit cognitivo vivenciado por muitos surdos. Somos responsáveis pela limitação da comunicação, pois a falta de conhecimento em Libras de uma boa parcela da sociedade torna se um entrave no desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.

Muitos surdos aprendem desde muito cedo com os pais e familiares que o contato com a língua materna dos surdos os tornam cidadãos conscientes, ativo conhecedor de seus direitos e atuante na sociedade. No entanto, esses direitos ficam restritos, pois a comunidade educacional por se tratar de um elo de aprendizado tem o dever de se atualizar, e como é colocado que a Libras é a segunda língua brasileira, podemos dizer que a população brasileira é analfabeta, pois em suma boa parte não tem nem um tipo de contato ou conhecimento com a segunda língua, fazendo com que muitos surdos não considerem a Libras como segunda língua.

Assim sendo, fica nítido a importância da população se educar, pois a Libras é tão importante como a língua portuguesa, sabemos que em média de 5% da população brasileira é surda. Muitos investem caro para ter acesso a línguas estrangeiras, enquanto várias instituições oferecem a Libras gratuitamente e devemos entender que é imprescindível termos o mínimo de conhecimento quanto a essa língua.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Dia Internacional da Linguagem de sinais procura promover a inclusão de pessoas surdas. no Brasil, cerca de 10 milhões de pessoas apresentam algum nível de surdez. São Paulo: Alesp, 2021. Disponível em >><https://www.al.sp.gov.br/noticia/?23/09/2021/dia-internacional-da-linguagem-de-sinais-procura-promover-a-inclusao-de-pessoas-surdas-> Acesso em: 11 de ago. 2024



BRASIL. Ministério da Economia. **O que é o VLIBRAS?** Disponível em: <https://carreiras-e-profissoes/intérprete-de-libras> <<Acesso em: 06 de jun. 2024

BRITO JÚNIOR, A. F.; FERES JÚNIOR, N. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em >><https://ojs.uniaraxa.edu.br/index.php/evidencia/article/view/200/186><<Acesso em: 11 de jul. 2024

Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília, 2005. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. Brasília, 2005.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

DAROQUE, S. C. **Alunos surdos no ensino superior:** uma discussão necessária. Piracicaba, 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Cartografias dos estudos culturais. Uma versão latino-americana. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Identidades culturais:** uma discussão em andamento ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 145-177

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa:** tipos fundamentais. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, M. R.; VIANA, M. V. G. Desafios do aluno surdo no ensino superior. INES, **Revista Espaço:** Rio de Janeiro. nº 53, p. 197-212, jan-jun, 2020

GONDIM, L. M. de P. **Pesquisa em ciências sociais:** o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: EUFC, 1999.

GONÇALVES, H.; FESTA, P. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Ensaios Pedagógicos.** Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, 6, 1-13, 2013.

Costa, J. E. **Métodos de pesquisa:** introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Artmed: Sao Paulo, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISA NACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. (INEP) **Confirma o panorama dos surdos na educação brasileira.** Censo Escolar traz algumas das principais estatísticas sobre esse público no ensino básico. Enem oferece acessibilidade; Dia Nacional dos Surdos é celebrado em 26 de setembro Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/confirma-o-panorama-dos-surdos-na-educacao-brasileira><< Acesso em: 06 de set. 2024

Ministério do Trabalho e Educação. **Intérprete de libras.** Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/vlibras>. << Acesso em: 06 de jun. 2024

KARNOPP, L. B.; QUADROS, R. M. de. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre : Artmed, 2007

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 1ª ed.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI: visão e ação**. Paris, UNESCO, 1998. Disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/onu12-2.html>. Acesso em: 17 ago. 2024.

VIANNA, H. M. **Avaliação Educacional**. São Paulo, IBRASA, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

KISHI, J.; SIMAS, I. [Libras: comunicação e expressão cultural da comunidade surda](#). Amazonas: UFRA, 2019.